ANNO 11.º — Sexta-feira, 17 de Janeiro de 1919 — Numero 556

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—=(*)=—

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Reincidencia no crime

—(*)—

Não está ainda liquidada a triste aventura de 12 de Outubro ultimo, nem tão pouco dissipada a profunda impressão do nefando crime de 14 de Dezembro findo, já outro acontecimento perturba a tranquilidade publica, alarmando o espirito nacional, cuja aspiração ha tanto denunciada, se resume apenas no decidido empenho de que o deixem progredir tranquilo, trabalhando, vivendo na paz e na harmonia que ninguem tem o direito de perturbar.

Após a alarmante impressão que por toda a parte produziu o cobarde assassinato do Presidente da Republica, logo surgiu a organisação da Junta Militar do Porto, que largos dias trouxe enervada a opinião publica com as suas exigencias e atitude, que se de facto, por ultimo, definiu inequivocamente, ao principio foi confusa, permitindo que em sua volta se creassem as mais justificadas suspeitas, sobre os seus propositos, especialmente respeitantes á fidelidade que as instituições lhe deveriam merecer.

Como consequencia deste facto e da desconfiança latente entre a Junta e o Governo, este concentrou algumas forças em Santarem, para opôr á marcha dos efectivos que a Junta, por sua vez, reunia no Porto, no caso, porêm, de ser resolvida uma marcha destes sobre a capital, como era presumivel.

São precisamente aquelas forças que, aproveitando o ensejo, secundam umas tentativas revolucionarias que em Lisboa se manifestam com ataques a vários quarteis; revolta da equipagem de tres pequenos barcos de guerra e ainda a alteração da ordem publica a que não foi estranha a força armada que em mais dois ou tres pontos chegou a manifestar-se.

Tudo, porêm, sufocado, resta apenas submeter-se, á hora que escrevemos, o nucleo de forças que se conserva em Santarem, cercado já por tres pontos e levado á triste contingencia de se render ou bater-se sem outro resultado mais do que a efusão de sangue entre homens que se acolhem á mesma bandeira e nasceram na mesma Patria!

E' profundamente lamentavel, dolorosamente triste que o desvario daqueles a quem cabe a responsabilidade de todo o mal de que enfermamos, continuem dia a dia na manifestação impressionante da sua teimosia, ainda que sómente recebendo o aplauso e o incitamento dos poucos, muito poucos mesmo, que cegamente os seguem, ao passo que por outro lado se apercebe e ouve a reprovação geral e solidaria de um povo inteiro que reconhece e sente a necessidade e a existencia duma Patria a salvar!

A Patria, a nosso vêr, está na realidade em perigo. E em perigo, não por que objectivamente lhe faltem condições para a continnuidade da sua independencia, mas pelos constantes desmandos, pelos actos de selvatico banditismo que uma politica dissolvente e feroz tem criado entre os sectarios seus sequazes!

E assim, a indisciplina mais perigosa, acompanhada pela transigencia mais vergonhosa, tem creado raizes profundas e alarmantes entre a sociedade portuguêsa, que exige em nome da salvação da Patria, energico e pronto remedio.

Que significa a insubordinação de quantos se conservam á frente desses dois milhares de homens a quem forçam a acompanha-los na sua louca resolução?

Uma das muitas provas de que a sociedade portugueza enferma de um grande mal, ao qual só um grande remedio póde ser oposto.

E' indispensavel, porêm, que se restabeleça a ordem, custe o que custar, em Santarem, em Lisboa, onde preciso fôr, enfim, mas não a ordem truculentamente imposta, mas como o resultado duma energia serena, prudente e seguida, com a autoridade que vem da competencia e do respeito á Lei.

Tudo que não seja isto é cavar cada vez mais fundo o abismo para que irremediavelmente nos arrasta uma politica desvairada, faciosa, que desprezando os altos interesses da Patria, jogando até a sua secular independencia e autonomia, apenas se importa saber do odio de que se acham saturados os seus dirigentes, que num desespero sem igual, jogam todas as armas e se entregam a todas as aventuras.

O que se passa na hora triste em que lançamos ao papel estas palavras, é uma prova inconfundivel do que afirmamos.

* * *

A imprensa do Porto, unica que desde sabado aqui nos chega, insere os seguintes informes que são o complemento e a confirmação dolorosa de quanto se antevia, informes confirmados pela publicação de telegramas oficiaes aqui recebidos e afixados ao publico:

Lisboa, 15, ás 22-25—*As forças fieis ao governo, depois de completarem o cêrco a Santarem, tomaram as posições avançadas dos revoltosos, pelos lados de Almoster, Vale de Santarem, Almeirim, Alpiarça e Alcanhões, iniciando o bombardeamento das suas posições de artilharia, tendo reduzido imediatamente ao silencio algumas baterias dos revoltosos, que foram atingidas primeiro pelos tiros de obuses de 15.*

Os revoltosos, depois de muitas baixas em mortos, feridos, prisioneiros e desertores, e sentindo-se impossibilitados de fugir ao justo castigo dos seus crimes acabam de render-se após vivo bombardeamento.

No quartel general das forças fieis apresentaram-se os chefes dos revoltosos, coronel Jaime Figueiredo e capitães Tribolet Fonseca, Rosado e Almeida, que, como delegados, comunicaram que os revoltosos se rendem sem condições. — (a) *presidente do ministerio*, João Tamagnini.

Associação Comercial

A nova direcção eleita, animada do mais decidido empenho em colocar exclusivamente dentro dos fins a que se destina a prestimosa agremiação, deve reunir brevemente afim de pôr em execução diversas medidas tendentes á realisação do seu programa que visa ao engrandecimento e influencia que aquela casa deve ter nas questões que lhe dizem respeito.

Segundo nos consta, a nova direcção não será alheia á regularisação do preço das subsistencias, tendo já assentes medidas e resoluções que por certo deverão influenciar no barateamento de quanto actualmente nada justifica a exploração que se continua mantendo com gráve prejuizo da bolsa do consumidor.

E' tambem já notavel a acção dos novos dirigentes, fazendo inscrever grande numero de socios, assim como sob outros pontos de vista administrativos se fará sentir a realisação do seu programa.

Serviço farmaceutico

Encontra-se ao domingo aberta a *Farmacia Lus.*

PRESIDENTE WILSON

Tem sido aclamadissimo em todas as capitães da Europa até hoje percorridas, o presidente dos E. U. da America, figura maxima e decisiva na guerra que ha pouco terminou com o triunfo dos povos da *entente* ao lado de quem Wilson se destaca pelo impulso dado á enorme carnificina, acabando com ela.

Pena foi que os ultimos e lamentaveis acontecimentos politicos de Portugal se opozessem a que o grande chefe de Estado visitasse tambem o nosso paiz, recebendo nele as homenagens a que tinha incontestavel direito, visto a parte directa que nos coube no espantoso conflito, causa de tanta miseria, de tanta dôr, de tanto luto.

Mas se para mais ainda havemos de estar reservados...

Cobrança

—=(*)=—

Aos assinantes deste jornal no continente a quem começaram a ser expedidos, á cobrança, pelo correio, os competentes recibos, vimos pedir, com empenho, a fineza de os não deixarem vir devolvidos, tendo não só em consideração o prejuizo monetario que isso acarreta á empreza, mas tambem o novo trabalho a que nos obrigam, deixando de aceder á nossa instante solicitação.

Favor era que aqueles que o pudessem fazer enviassem directamente, em carta ou vale, as suas anuidades, poupando a O Democrata, *cuja existencia tem sido das mais atribuladas e dispendiosas, os gastos do correio, par excessivamente elevados, e nem sempre de resultado seguro.*

Egual apêlo lançâmos aos que nos **E. U. do Brazil** *e* **Argentina,** *na* **Africa** *como em todos os outros pontos do ultramar, nos dão a honra de receberem o jornal. Creiam os nossos amigos que de todas as crises por que o* Democrata *ha passado, e não teem sido pequenas, esta, á qual, de resto, se acha ligada a imprensa, em geral, pelo encarecimento de tudo quanto se lhe torna necessario—a papel na frente—é das maiores e das mais gráves.*

Esperamos, portanto, o auxilio duns e doutros, pelo que aqui fica exarado desde já o indelevel reconhecimento da emprêsa.

A POLICIA DE LISBOA

Sob o titulo—*Reclamações*—o nosso distinto colléga *A Manhã* publicou ha dias o seguinte:

Escreve-nos o sr. Carlos Mendonça, contando-nos ter visto, ás 8 horas e meia do dia 2, na esquina da rua do Comercio para a do Ouro, um policia prender um rapaz dos seus 23 anos, bem vestido e que fazia parte de um grupo de outros rapazes, igualmente bem vestidos, dando-lhes um soco, apezar de não fazer qualquer resistencia. E, como o rapaz, com o melhor modo, pedisse para o guarda não lhe bater, este tirou então a espingarda da bandoleira, e, com as duas mãos, pegou-lhe pelo meio, dando ao preso uma valente coronhada em pleno peito. Dali até á esquadra da rua do Comercio, onde levou o preso, não fez outra coisa senão dar-lhe bofetadas, pontuadas e coronhadas, perante as pessoas que presenciavam em silencio esta scena. Um dos companheiros do preso quiz dar quaesquer explicações á porta da esquadra, mas não foi atendido, fazendo-o retirar o policia que estava de sentinela. O sr. Carlos Mendonça perguntou a um dos do grupo o que tinha feito o rapaz, sendo-lhe respondido que ele vinha a brincar com um companheiro quando passava em frente do policia e que só por isso fôra preso. O rapaz frequenta o terceiro ano do Instituto Superior Tecnico. Para o caso chamamos a atenção do sr. comandante da policia.

Por seu turno, lê-se no diario republicano conservador *O Tempo*, da mesma data, acompanhando o retrato do capitão Lobo Pimentel, cujos boatos de que ia abandonar o logar de comandante da policia, desmente:

....

A policia de Lisboa é hoje um corpo de *élite*, disciplinado, forte, conscio da sua missão, impondo-se ao respeito de todos e merecendo, sem favor, a confiança e consideração em que a tem a população da cidade.

Em poucas cidades do mundo haverá uma policia como o é a actual de Lisboa.

Correcta, urbana, valente, é uma das mais solidas garantias da manutenção da ordem.

Esta policia é obra do capitão Lobo Pimentel.

....

Honra, pois, á policia de Lisboa! Mas em todo o caso—ao largo...

GREGORIO FERNANDES

—=(*)=—

Mais um a quem a morte surpreende e arrebata aos 44 anos, para quem o tumulo se abre no momento em que a Republica tanto necessita de caracteres que a sirvam com nobrêsa, com inteligencia, com desinteresse.

Mais um que baqueia, mais um que desaparece para sempre dentre a falange dos que pela Liberdade se bateram e á Democracia deram desassombradamente, pondo de parte todos os perigos, o melhor do seu esforço guiados pela fé no ideial que triunfou a 5 de Outubro de 1910.

Gregorio Fernandes!

Conhecemo-lo ha muitos anos. Jornalista experimentado, foi atravez da imprensa que com ele travámos relações e é na imprensa que lhe queremos, não traçar o perfil, por isso competir aos que mais conviviam na sua intimidade, mas prestar homenagem ao companheiro, ao amigo, ao correligionario, curvando-nos ante o seu cadaver que, em espirito, acompanhamos ás regiões desconhecidas de alem-tumulo.

Gregorio Fernandes trabalhou com Alves Corrêa, no *Paiz*, com Magalhães Lima, na *Vanguarda*, com França Borges, no *Mundo* e actualmente secretariava na redacção de *A Manhã*. Em todos estes jornaes e ainda no *Diario de Noticias* se encontra vincada a sua passagem por uma colaboração distinta, inteligente, habil devido ás suas aptidões para o *métier* a que se dedicou desde tenra idade e em que se destacou por fórma a ser considerada a sua morte uma enorme perda para o jornalismo lisboeta.

Da ultima vez que estivemos em Lisboa, no verão passado, fômos um dia á *Manhã* vê-lo e aos velhos amigos que, no importante diario, continuam a honrar a Republica com o aplauso da velha guarda, que lhe não regateia elogios, e foi Gregorio Fernandes quem nos acompanhou numa minuciosa visita a todas as dependencias do jornal, falando-nos dele, nas simpatias que o cercam, nas dedicações que o amparam, como se se tratasse duma pessoa querida, dum ente estremecido. E' que a *Manhã* era para o saudoso extinto um pedaço da sua alma de republicano *pur sang*, uma parcela da sua vida sem a qual, certamente, se não poderia conformar, tão arreigadas mantinha as suas convicções, tão intimamente nele se havia inveterado o amor á causa de que foi um dos mais devotados propagandistas.

Escusado será dizer que lamentâmos como republicanos, como amigos e camaradas o prematuro desenlace que acaba de arrebatar ao convivio dos que lhe eram caros, o malogrado jornalista. E de quanto são sincéras as nossas palavras, devem os colégas da *Manhã* estar capacitados pelo telegrama que lhe enviámos apenas nos chegou ao conhecimento a triste nova e no qual, alem de lhes expressarmos sentidas condolencias, agora reiteradas nestas colunas, incumbiamos Luiz Derouet de nos representar e ao *Democrata* nos funeraes do pranteado e inolvidavel confrade.

UMA PROFECIA

—=(*)=—

Em fevereiro de 1910, pouco mais de meio ano antes da proclamação da Republica, num largo estudo dirigido em fórma de carta ao sr. Antonio José de Almeida, escrevia Basilio Teles:

Ora imagine um povo ignorante e passivo como o nosso, e á sua frente, a governa-lo e a presidi-lo em Republica, umas duzias de transfugas da realeza, a quem não só tinham imprevidentemente elevado ás posições mais culminantes, mas ainda feito participes da nossa revolução contra os Braganças. Como toda a democracia, qualquer que seja o paiz e seja em que época fôr, marcha invencivelmente para a realisação integral do seu programa, isto é, para o radicalismo, o conflito entre o poder e a nação começaria, póde dizer-se, no dia imediato áquele em que proclamassemos a Republica. E que sucederia neste caso? Ao contrario do que fizeram Mac-Mahon e Perier, não se submetiam nem se demitiam; acostumados no regimen abolido a violar a lei impunemente, repletos de vaidade pela emprêsa (que naturalmente atribuiam só a si) de levar a cabo a revolução nacional, transbordando de ofensivo desdem para com os republicanos que os chamaram e finalmente confiantes na passada inercia do povo, ensaiariam, sem duvida, o golpe de Estado, quer constituindo se em ditadura, quer retrocedendo á monarquia.

O provavel é que maquinassem a reposição no trono de Portugal da ultima e debil vergontea brigantina. Porêm, como o proprio facto duma revolução arrancaria necessariamente o povo á sua apatia e indiferença habituais, por ser este um fenomeno constante em todas as mudanças de regimen; e como, por outro lado, o elemento democratico puro não subscreveria a derrota sem tentar um esforço para não perder o terreno adquirido, segue-se, conforme eu dizia atraz, que teriamos uma segunda revolução muito mais terrivel e radical do que seria a precedente. Nem seria indispensavel para este segundo movimento se produzir que se tentasse a reintegração do rei deposto, ou a organisação de uma oligarquia conservadora, mantendo o poder em ditadura. Bastava que esse partido heterogeneo, amalgama incongruente de republicanos moderados e de monarquicos recem-convertidos á Republica, fizesse, como faria certamente, uma politica desconfiada e hesitante no interior, frouxa e sem plano definido no exterior; bastaria que oscilasse, como indubitavelmente oscilaria, entre o receio de complicações internacionaes e o terror de um governo francamente popular. A politica timida dos Girondinos foi que chamou ao poder os Montanheses, e a eles os levou ao cadafalso; igual politica adoptada por Castelar e outros homens publicos da Espanha, na direcção da Republica de 1873, foi que insurgiu no sul os cantonais e aniquilou essa brilhante tentativa de democratisação peninsular; o conservantismo de Maria II e Costa Cabral foi que originou 47 e assim por diante, em todas as épocas de crise sem termo nem fim. E, ao cabo de estas convulsões internas, que teriamos conseguido? O seguinte, simplesmente: acabar de enfraquecer e desorganisar a nossa Patria e chamar sobre ela a restauração da monarquia ou a tutela do estrangeiro.

Dizia-nos o Mestre: como toda a Democracia, qualquer que seja o paiz e seja em que época fôr, marcha invencivelmente para a realisação integral do seu programa, isto é, para o radicalismo, o conflito entre o poder e a Nação começaria, póde dizer-se no dia imediato áquele em que fôsse proclamada a Republica.

Todavía, os dirigentes da Nação—aqueles que representam os grandes partidos politicos e superintendem na sua marcha e correspondente acção, poderiam graduar essa mesma marcha, demorando-a no caminho aberto aos seus objectivos mais transcendentes, ao mesmo tempo que se envidariam todos os esforços para que a Nação, nos seus alicerces educativos e conservadores, não se resentisse aturdidamente da transformação radicalissima que se pretende impôr-lhe.

Mas não; comnosco não sucedeu assim e até pelo contrario: com uma irreflexão digna de registo,

pretendeu-se transformar costumes, educação, crenças, principios inabalavelmente assentes e arreigados no espirito portuguĕs, medindo todos e tudo por a bitola que o radicalismo mais avançado tinha estabelecido.

Esta parte prevista na profecia, realisou-se e a seguir a outra, tantas vezes aqui por nós apontada e combatida: *o ingresso das duzias de transfugas da realeza, elevados imprevidentemente ás posições mais culminantes.*

Realisada tambem esta parte profetica do Mestre, efectuou-se outra ainda: *a maquinação para repôr no trono de Portugal a ultima e debil vergontea brigantina.* Foi a alma dessa e outras tentativas Paiva Couceiro, mas tudo faliu como não podia deixar de ser.

Houve ainda nesse tragico momento a unificação dos republicanos de todas as matizes contra o inimigo comum. Agora é a triste e penosa luta de ambições, entre os proprios partidos republicanos, cuja creação foi a causa inicial deste descalabro.

Para que se não chegue á dura realidade profetisada, então evitemos *a amalgama incongruenta de republicanos moderados e de monarquicos recem-convertidos á Republica*, para que o regimen não p[illegible]ue e se afaste bem para longe as [illegible]zões que podendo enfraquecer a Patria, po[illegible]m fazer aproximar a possibilida[illegible]e uma intervenção estrangeira.

Restabeleç[illegible] se, pois, a ordem, o respeito, a [illegible]iplina social, acabando com ess[illegible]s vergonhosas convulsões internas, ás quaes se deve opôr um governo abertamente republicano e decididamente forte, energico, que, sem contemplações nem tendenciosos interesses politicos, restabeleça o prestigio do regimen e o socego no Paiz.

Vâmos, que não é sem tempo.

PELA IMPRENSA

"A Plebe"

Passou o aniversario deste bem redigido h[illegible]bdomadario republicano independente que em Valença se publica s[illegible]b a direcção do sr. Alfredo Barros.

Felicitando-o, o *Democrata* significa ao camarada leal a muita conta em que o tem pelo seu valor e intransigencia de principios.

—

Por egual motivo cumprimentâmos tambem os colégas *A Opinião* e *O Radical*, de Oliveira de Azemeis, e a *Justiça de Fafe*, apetecendo-lhes as maiores prosperidades.

"O Despertar"

Devido á iniciativa dos republicanos do Pinheiro da Bemposta, saiu nesta freguesia do concelho de Azemeis o primeiro numero de um jornal a que deram o titulo da epigrafe e que não só se propõe defender os interesses locaes, como vem disposto a lutar pela união de todos os que amam a Republica, expurgando-a préviamente dos falsos adeptos.

Dirige provisoriamente *O Despertar* o nosso amigo snr. Abilio Henriques Martins, a quem pedimos que transmita as saudações do *Democrata* áqueles que tão animados se mostram de verem ainda redimida a Patria pela Republica.

CARVÃO

Os jornaes publicaram já o acordo com o governo inglês para o fornecimento mensal de 35:000 toneladas de carvão, que dentro de dois ou tres mezes é natural se efective plenamente. O preço de cada tonelada, incluindo o frete, varía entre 4 1½ e 5 libras (ultimas cotações).

Fazemos votos para que se torne em definitiva realidade a noticia, a fim de acabar a torpe exploração que se está livremente praticando com a venda da lenha, pela qual nos pedem 13 e 14 escudos ao cento!

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal.

Em Ilhavo

—(*)—

Um lamentavel incidente de que resultam mortes e feridos

O alferes do regimento de cavalaria 8, sr. Antonio Simões Freire, natural do logar de Ouca, concelho de Vagos, fôra a casa de seu pae, sr. José Simões Freire, no domingo, visita que amiudadas vezes costumava fazer.

Resolveu pernoitar na casa paterna, mas como tivesse sido nomeado para acompanhar uma força do regimento que deveria marchar no dia seguinte para Coimbra, o seu impedido, soldado n.º 450 do 3.º esquadrão, aparelhou o cavalo e meteu-se a caminho para prevenir o sr. Freire da sua nomeação para aquele serviço.

Assim, cêrca da 1 hora da madrugada, o referido oficial partia da casa de seu pae, em Ouca, montado numa bicicleta, sendo seguido pelo impedido. Chovia. A noite estava de completa invernia e o sr. Freire pedalava com força ganhando uma grande distancia ao soldado. Ao saír da vila de Ilhavo, no começo da ladeira, cujo extremo é conhecido pela designação *Alto bandeira*, um grupo de sete ou oito individuos dirigiu frases injuriosas ao transeunte que, apeando-se por lhe ser impossivel subir montado, retorquiu moderadamente, fazendo vêr a inconveniencia de se tratar assim quem passava.

Não tinha acabado o snr. alferes de fazer a sua observação, aliás justificada e merecida, quando alguns desses individuos se lançaram sobre ele, rasgando-lhe o capote, batendo-lhe furiosa e selvaticamente, desenvolvendo-se a seguir uma luta furiosa, embora desigual. O sr. Freire, que é um rapaz valente, na pujança da vida, derrubando alguns dos seus agressores, não podia, contudo, evitar ser ferido e maltratado. Num dado momento, surge uma pistola na mão dum dos agressores, que o snr. Freire segura, disparando-se a arma, o que se repetiu mais vezes, convencendo-se nesta altura que teria chegado a sua ultima hora.

Aturdido por tanta pancada, exausto de forças pela violencia da luta e pela perda de sangue que se escoava por tanta ferida recebida, o sr. alferes caíu exanime e sem sentidos, pelo que o grupo retirou no convencimento talvez de que o haviam morto.

O seu desmaio, porêm, foi curto. Voltando a si, viu que estava só, e conseguindo erguer-se apanhou o capote e o bonet, que estavam na estrada, assim como o chapeu dum dos agressores.

Colhendo tudo, entre dôres lancinantes, fez um grande esforço e pôz-se a caminho com receio dum novo assalto, em que por certo o liquidariam.

Da janela duma casa proxima alguem lhe falou, mas o sr. Freire não se demorou em coloquios, encaminhando-se o mais depressa que lhe era possivel pela estrada em direcção a esta cidade. Descobrindo uma poça de agua, lavou a cara e a cabeça que o sangue encharcava, aparecendo depois o seu impedido que, surprêso e aflito, reconheceu aquele oficial.

Convidou-o a montar, mas o sr. Freire recusou-se com receio de arrefecer, pois estava todo molhado de chuva e de sangue e entre mil dificuldades e sofrimentos, chegou ao hotel onde se encontra, tendo sido logo chamado o sr. dr. José Vieira Gamelas, que, examinando o agredido, reconheceu a existencia de 9 feridas de diversas dimensões, feitas na cabeça a instrumento contundente e cortante, a perna esquerda furada por uma bala, uma facada num dedo da mão direita, além de um grande numero de escoriações e contusões.

A' hora que escrevemos, afirma o medico assistente não correr perigo a vida do sr. Freire, o que muito nos apraz registar.

* * *

Dos agressores vieram a falecer no hospital desta cidade, na tarde de 14, com uma bala no ventre, João Feliciano dos Santos, solteiro, de 26 anos, marinheiro, natural de Ilhavo, filho de José Joaquim dos Santos e de Maria de Jesus, e em Ilhavo, quando estava sendo operado pelo especialista, vindo do Porto, snr. dr. Alberto Gonçalves, coadjuvado pelos medicos da localidade snrs. drs. Samuel Maia e Machado, Rafael Simões Chuva, o *Manica*, de 22 anos, solteiro, maritimo, filho de José Simões Chuva e Maria da Anunciação Chuva, tambem com um gráve ferimento no ventre.

Na administração, como implicados no crime, estão já presos Manuel Fernandes Vieira, Jorge dos Santos Marnoto, Julio Justiça e Francisco da Rocha Freire, todos solteiros.

A autoridade continua empenhada no apuramento de todas as responsabilidades, o que é preciso conseguir para punir com todo o rigor da justiça os selvaticos autores de tão infame atentado.

As fogaceiras

Estão anunciados para os dias 18, 19 e 20, na Vila da Feira, deslumbrantes festejos em honra do Martir S. Sebastião, a que irão assistir as bandas regimentaes de infantaria 18, do Porto, e do Pinheiro da Bemposta.

Haverá concertos, brilhantes iluminações, arraial, descantes populares, procissão, indo á frente desta, conforme o costume, já secular, um gracioso grupo de meninas, trajando de branco e conduzindo as tradicionaes fogaças benzidas, devendo a antiga e hospitaleira vila vestir nesses dias as suas melhores galas.

Na noite de segunda-feira efectuar-se-á tambem uma récita por uma aplaudida *troupe* de amadores feirenses, tocando nos intervalos a reputada banda do Pinheiro, sob a regencia do conhecido professor, sr. Antonio Martins.

O TEMPO

Com exclusão do primeiro dia do ano, banhado de sol, radiante de luz, quasi todos os outros teem sido de rigoroso inverno, não faltando nem o vento, nem a chuva, nem o frio, trindade que bem podia dispensar-se se não fôsse da ordem do mundo a sua aparição na terra para nos flagelar, trazendo-nos arripiados.

Seja tudo pelas chagas de Cristo...

Carta aberta

Recebemos um exemplar da que o distinto advogado, residente em Loanda, sr. dr. Antonio Gonçalves Videira, dirigiu em 8 de novembro do ano findo ao governador geral da provincia de Angola, o capitão de fragata Filomeno da Camara, e na qual o seu autor confessa, a alturas tantas, apezar de se declarar ultra democratico, que do governo anterior a 5 de Dezembro os unicos ministros republicanos estavam fóra de Lisboa, isto para demonstrar que a alma é tudo e a revolução só triunfou por falta de coragem e de fé.

Reconhecidos ao sr. dr. Antonio Videira.

NECROLOGIA

Por noticia telegrafica recebida nesta cidade, sabe-se ter falecido na India Portugueza a snr.ª D. Gloria Maria de Melo e Sousa, mãe do professor do liceu central sr. Agostinho de Sousa e do snr. Antonio José de Sousa.

Pertencente a uma das principaes familias daquela nossa possessão e dotada das mais acrisoladas virtudes que a faziam respeitada na extensa roda das suas relações, a infeliz senhora, comquanto cercada de todos os confortos prestados pelas pessoas mais intimas, morre longe de seus filhos que muito prezavam o seu afecto maternal e que hoje profunda e magoadamente lamentam o seu desaparecimento da vida.

A' familia dorida, nomeadamente ao nosso amigo sr. Agostinho de Sousa, o *Democrata* apresenta a comovida expressão do seu pezar.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 15

Que ha? Quem venceu?—são as perguntas que amiudadas vezes se ouvem formuladas entre a pacata gente desta terra, que não sendo muito inclinada á politica se interessa, contudo, por o desenrolar dos acontecimentos mais gráves como os que se veem produzindo de ha um mez a esta parte e estão, por esse facto, a prender as atenções geraes.

Isto vai bonito. Assassinatos, revoluções, a indisciplina manifestando-se em tudo sem haver quem lhe ponha côbro, não ha duvida que assim havemos de da-las têsas. Por nós diremos que já se foram todas as esperanças em melhores dias. Seria preciso um pulso forte e uma vontade que se egualasse, pelo menos, á dum espartano, para meter na ordem os politicos deste paiz que teem tanto de patriotas, de amor ás instituições e ao progresso da nação, como nós temos de bispo. Nunca o supuzémos, mas temos de nos curvar perante a realidade. E ainda hãode ter o descaramento de um dia virem solicitar sufragios. Cá os esperamos para lhes contarmos um conto...

—— Vai passar por uma radical transformação a fabrica de ceramica e serração das Quintans, propriedade dos srs. Tavares Lebre & C.ª

As obras já começaram, devendo para o futuro ficar mais ampla e em condições de poder satisfazer os constantes pedidos de telha, sistêma marselhês, que em tanta quantidade ali se produz, mas que não chega para todas as encomendas que diariamente são requisitadas.

Mais de espaço nos ocuparemos um dia dos progressos do importante estabelecimento fabril.

C.

Alquerubim, 14

A Comissão Paroquial desta freguesia encomendou um relogio para a torre da igreja, o qual está sendo assente pelo seu construtor, sr. Nelas, de Vizeu. O acabamento é perfeito e o sr. Nelas garante o seu trabalho, porque o relogio regulará perfeitamente.

—— Continua ainda retido em casa o sr. Manuel Maria Amador, com uma sciatica.

—— Rezou-se hoje uma missa para sufragar a alma do snr. dr. Sidonio Paes, a que assistiram bastantes pessoas e as crianças das duas escolas oficiaes. O rev. paroco, ao Evangelho, fez uma alocução, falando do prestimo e bondade do ilustre morto. O sr. administrador do concelho mandou distribuir esmolas pelos pobres que assistiram á missa.

C.

EDITAL

ANTONIO FELISARDO, oficial das Alfandegas e chefe do posto de despacho de 1.ª classe em Aveiro, etc.

Faço saber que tendo o mar arrojado á praia, na area do posto fiscal do Furadouro, os seguintes objectos:

Doze cascos de madeira contendo *cognac* e com a capacidade de 200 litros cada um, tendo cinco dos referidos cascos o numero 2318, com as seguintes marcas Q N E R S F J; M & C.ª London — B F 3, 8, 2, 7 e 9;

3 ditos com o n.º 28318, marcas M & C.ª;

Dois ditos com o numero 66, marca M 11 e 13;

Um dito com o n.º 7518, marcas J P n.º 3;

Um dito com o n.º 3418, marca R V R n.º 2; todos no valor presumivel de 1:000$00 (mil escudos).

São por este meio convidados todos os que se julguem com direito aos referidos arrojos a virem reclama-los no praso de oito dias, a contar da data da afixação de este edital, findo o qual se procederá nos termos da lei.

E para constar se passou o presente e outros de egual teor, que vão ser afixados nos logares publicos e do costume.

Posto de Despacho de 1.ª classe em Aveiro, 14 de Janeiro de 1919.

O chefe,

(a) **Antonio Felisardo**

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) . . . 1$20
Semestre $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte . . . . 2$50
Avulso $02

Anuncios

Por linha . . . . . 6 centavos
Comunicados . . . 4 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.